Do tabuleiro de arroz-doce à Magistratura

Heitor Andrade Macêdo

LETRCAPITAL

Sobre o autor

Cidadão rondoniense, nasceu em 23 de janeiro de 1940, em um seringal denominado "Prosperidade", à margem esquerda do rio Madeira. Ficou órfão de pai aos dois anos e teve que enfrentar as dificuldades e privações que a vida lhe impôs.

Cresceu em meio a uma família de muitos irmãos, uma mãe austera que não gostava de carinho. Aprendeu cedo a se virar. Ajudava a mãe a carregar as trouxas de roupas e as panelas com mingau de arroz-doce e os quitutes no tabuleiro que a mãe, à noite, vendia frente aos inferninhos de Porto Velho.

Mas era um menino decidido e dado o nome do local onde nasceu, estabeleceu uma meta: de que iria sempre prosperar na vida. Foi o que fez da infância à idade adulta. Autodidata, alfabetizou-se a duras penas e tornou-se um leitor voraz. Estu-dioso, teve muitos empregos, sempre um melhor do que o outro. Fez concursos, passou em todos. Casou-se, divorciou, casou novamente e ao todo teve 12 filhos. Sonhador e determinado, mudou-se de Guajará-Mirim, despediu-se do time do coração "Pérola do Mamoré" e rumou em direção às terras acreanas com o intuito de cursar faculdade de direito e alcançar a Magistratura.

Após anos de dedicação ao funcionalismo público foi agraciado pela LEI Nº 2.220, de 15 de dezembro de 2009 com o Título de Cidadão Acreano, concedido pela Assembleia legislativa do estado do Acre. Nasceu um astro e fez-se acreano.

heitormacedoadv@gmail.com
(68) 99985-4325
@heitormacedomacedo

Heitor Andrade Macêdo

Do tabuleiro de arroz-doce à Magistratura

LETRCAPITAL

Copyright © Heitor Andrade Macêdo, 2022

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.

Editor João Baptista Pinto

Revisão Eloisa Gabriella Carvalheiro
Márcia Verônica Ramos de Macêdo
Meyrelene Ramos de Macêdo

Projeto Gráfico e Capa Jenyfer Bonfim

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M121t

Macêdo, Heitor Andrade, 1940-
Do tabuleiro de arroz-doce à magistratura / Heitor Andrade Macêdo. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.
Recurso digital; 25 MB.

Formato: ePDF
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-7785-836-1 (recurso eletrônico)

1. Macêdo, Heitor Andrade, 1940-. 2. Homens - Brasil - Biografia. 3. Autobiografia.. I. Título.

22-78746

CDD: 920.71
CDU: 929-055.1

Letra Capital Editora
Telefax: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Sumário

Prefácio 7
Agradecimentos 9
Nasce um astro 15
A história da minha mãe 18
A casa onde nasci 21
Empresas que administrei 23
Meu pai no olhar da minha mãe 24
A nova versão da minha mãe: uma empreendedora 27
A chegada das tias "Flor" e "Cotinha" 32
Brincadeiras de infância 35
Um pouco de minha infância 37
Aprendizagem começa em casa 41
Minha puberdade 43
Minha biblioteca 48
Histórias do exército 50
Rodovia 364 51
Escapei da morte 53
Magistério 54
A vida estudantil e militante no grêmio escolar 56
Meu primeiro casamento 57
A segunda esposa 59
Eu, meus filhos, netos e bisnetos 60
Eu e Arlete 61

Eu e Osvaldo 62
Façanhas no esporte 66
Presidente da Liga 69
Atividades recreativas no SESI.....72
A docência em Guajará-Mirim.....74
Minha passagem pelo Banco da Amazônia 76
Promotoria em Cruzeiro do Sul 78
A carta 82
A Vara Cível – a visibilidade do cidadão 85
Passagem por Cruzeiro do Sul..... 88
Juiz em Cruzeiro do Sul 89
A Comarca de Mâncio Lima 93
Trabalho de recreação 95
Viagem com minha sogra 100
Minha vida atual 102
Estórias publicadas no blog.....107
A Pata e a Galinha 107
A viagem e a posse como Juiz em
Brasiléia – hilariantes 110
O velho e o neto.....112
Anexos 114

Prefácio

Quando meu pai me solicitou, gentilmente, que produzisse este texto, fiquei imensamente feliz e também preocupada. Afinal, sou professora de Linguística, uso bastante as variações regionais e papai sempre me repreende se não utilizar as normas gramaticais "na ponta da língua". Mas, ao ler "Do tabuleiro de arroz-doce à magistratura" fiquei encantada com a escrita, a linguagem, as estórias de vida dele, um pai carinhoso, foi professor de português, exímio magistrado e, agora, escritor.

O livro narra pequenos flashes da história de vida de um jovem que ficou órfão de pai na infância, enfrentou as mazelas da vida, porém fazendo a analogia como o nome do seringal onde nasceu, Prosperidade, ele prosperou, seja desde a venda de mingaus de arroz-doce no tabuleiro até conquistar, via concurso, o cargo final de sua carreira jurídica como juiz efetivo de Direito, no Estado do Acre. É uma autobiografia escrita numa linguagem clara, objetiva, às vezes, poética, de cunho cômico que nos conduz do sofrimento implícito às reflexões sobre fatos da vida, de onde viemos e para onde desejamos ir ou chegar. Quem poderá mudar o nosso destino que não seja nós mesmos?

Somos protagonistas de nossas histórias é o que nos ensina o autor, através de narrativas vivas e não atenuadas de tudo que viveu ao longo de seus 82 anos e inteiramente lúcido, vívido e cheio de histórias para contar, imaginar. Tem uma memória de "elefante" se pudesse definir as lembranças do autor, até invejável e num jeito próprio de narrar, a obra nos ensina que "viver é não ter a vergonha de ser feliz".

Nascer, viver, sonhar, amar, gerar, imaginar, propagar, refletir e ensinar com amor e respeito são ações que a vida nos oferece. Recomendo a leitura deste texto, pois o autor é alguém que fez do limão a limonada, que comeu o último

morango e se deliciou, que prezou sua mãe e pai ou a lembrança que tinha dele e teve a oportunidade de nos presentear com esse texto, no mínimo, encantador.

Um exemplo que deve ser seguido por seus descendentes: viver com sabedoria e gratidão.

Márcia Verônica Ramos de Macêdo
Pós-doutora em Estudos Linguísticos – UFMG
Doutora em Letras e Linguística – UFBA
Docente da Universidade Federal do Acre

Agradecimentos

Muito obrigado àqueles que conseguirem ler sem dormir. Para redigir o prefácio escolhi minha filha Márcia Verônica Ramos de Macêdo. Este não é bem o fim. Tenho inúmeros agradecimentos a transcrever abaixo. Sem eles, alguma coisa estaria faltando.

Esta é a parte mais importante de minhas memórias. Espero não esquecer de agradecer a alguém pelo tudo que fez, ajudou, aconselhou e me guiou para alcançar o meu final feliz.

Começo pela minha mãe. Mãe amorosa, cuidadosa, dedicada, conselheira, incansável na sua missão de mãe. Minha mãe foi uma heroína na sua passagem pela terra. Praticamente nos criou sozinha. Foi uma guerreira, lutou com todas as suas forças para nos conduzir na vida. Passou inúmeras privações, mas não desistiu de lutar para vencer todos os obstáculos que se colocaram à sua frente, sempre no intuito de nos oferecer o melhor que podia, no limite de suas forças. Diversas vezes deixou de se alimentar para não nos deixar com fome. Insistia para que não deixássemos de estudar. Sempre dizia que "o estudo abre portas consideradas instransponíveis".

Mamãe era uma sábia. Embora não tenha frequentado por muito tempo os bancos escolares, tinha uma visão de futuro em relação à educação. Mamãe teve dez filhos e nenhum trilhou o mau caminho, pois sua maneira de nos criar e educar era rígida e oportuna. Se todas as páginas de minha biografia fossem dedicadas à minha mãe, seriam poucas, em relação à grandeza que ela tinha e os agradecimentos que todos os filhos têm a ela. Como já disse, minha mãe faleceu com cem anos e um mês de vida, mas estou sempre saudoso de sua presença. Sei que pela bondade que ela distribuiu aqui na Terra, hoje está ao lado de Deus, servindo-o.

Agradeço ao meu pai por haver ajudado minha mãe a me conceber. Não tenho lembranças dele, pois ao morrer, eu tinha apenas dois anos e alguns meses.

Agradeço aos meus avós, Bento José de Macêdo e Francisca Andrade de Macêdo, por terem acolhido minha mãe e nós, seus filhos, após a morte de meu pai, pelos motivos expostos nestas memórias, durante os dois anos e alguns meses que permanecemos ali. Foram muito bondosas com a mamãe e conosco.

Agradeço ao meu tio, Hélio Andrade Macêdo – *in memoriam* – , por haver acolhido minha mãe em Porto Velho, e provido o nosso sustento, enquanto ela se preparava para enfrentar a dura vida que viveu em Porto Velho. Não fosse sua repentina morte, nós, com certeza, não teríamos passado tantas necessidades, como passamos, durante os primeiros anos que fomos morar naquela cidade.

Agradeço a minha irmã Arlete – *in memoriam*, pelos sábios conselhos que me deu, enquanto viva esteve. Ajudou-me muito a crescer na vida. Foi ela que me ensinou a dançar bolero. Sempre me aconselhou para o bem e para o bom caminho, para não dar desgosto à nossa mãe.

Agradeço as minhas tias Nely, Inês, Pequenina (Inácia), Flor e Cotinha, que se preocuparam muito conosco, quando crianças. O marido da titia Pequenina, conhecido por "Pedrinho" ajudou muito a mamãe nos seus momentos de dificuldade. Ele era comerciante no antigo mercado de Porto Velho e muito popular. Outro que ajudou muito a mamãe também foi o marido da titia Cota, que chamávamos de titio Augustin.

Agradeço ao Osvaldo pelos momentos que passamos juntos na nossa meninice, na nossa puberdade, na nossa adolescência, sempre nos entendendo muito bem, sem queixas, sem desavenças, um ajudando o outro a vencer na vida. Depois de adultos não nos afastamos por muito tempo. Hoje, de todos os irmãos, somente nós dois residimos na mesma cidade e, futuramente, iremos residir em Portugal.

Agradeço ao Exército pelo tempo que ali estive como militar. O Exército é uma escola de vida. Todos os homens deveriam viver, por algum tempo, a vida militar. Sou grato pelo tempo que servi na 3ª Companhia de Fronteira, em Porto Velho.

Agradeço ao Ex-Governador do Território Federal de Rondônia, Sr. Mário Lima por haver me nomeado servidor público daquele Território e também ajudado minha família, de quem era amigo. Por recomendação dele fui para Guajará-Mirim, como guarda territorial e ali casei pela primeira vez e concluí o ensino médio.

Agradeço a minha comadre Aliete Alberto Matta Mohry, que muito me ajudou quando atravessei necessidades na cidade de Guajará-Mirim. Minha comadre é uma excelente pessoa, muito bondosa, muito ativa e batalhadora, pois lutou e venceu os obstáculos da vida.

Agradeço ao Sr. Moisés Bennesby, pois ao me levar para Rio Branco, para gerenciar a Sabenacre junto com o José Augusto (falecido amigo) me proporcionou a oportunidade de chegar a um curso superior na Universidade Federal do Acre, Curso de Direito, graduação essa que me abriu oportunidades para ingressar na carreira de Promotor de Justiça e depois Juiz de Direito do Estado do Acre. Jamais poderei esquecer que foi ele que abriu caminho para eu chegar aonde cheguei, membro da magistratura acreana.

Agradeço também à Dra. Marah, pessoa que conheci quando ela era escrivã da 1ª Vara Cível. Na época eu era professor no Curso de Direito da UFAC e ela foi minha aluna. Por sinal, uma excelente aluna, embora tivesse muitas atribulações no cargo de escrivã da 1ª Vara Cível. Quando estive em Porto Alegre, na tentativa de um transplante de rim, ela foi incansável, ligando todo dia para saber como estava a minha saúde. Dra. Marah é uma pessoa muito prestimosa, incansável neste momento de pandemia, sempre procurando ajudar os acometidos da criminosa doença que afeta todo o planeta Terra. Gosto muito da Dra. Marah.

Ela hoje galgou mais um degrau na carreira de magistrada, tendo sido escolhida para compor o Tribunal Regional Eleitoral. Tenho fé que, com mérito ela chegará ao cargo de Desembargadora.

Agradeço ao Dr. Clovis Ferreira pela consideração que sempre teve comigo. Também tenho muita consideração por ele. É um excelente juiz, atencioso e justo nas suas decisões.

Acredito que tive um ótimo amigo na magistratura e na vida social. Esse amigo chamava-se Ciro Facundo de Almeida, que lamentavelmente nos deixou e hoje está ao lado de Deus, servindo-o com sua sapiência e bondade. Fiquei muito triste em não ter podido comparecer ao seu velório, pois estava impossibilitado de sair de casa. Dr. Ciro foi um homem público exemplar, merecia muitas considerações, mas não teve.

Agradeço à Professora Marise Castiel, quando Secretária de Educação do Território Federal de Rondônia foi muito gentil comigo, quando dela precisei.

Agradeço ao Desembargador Francisco Djalma da Silva, pois quando presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Acre liberou parte de uma certa importância que tinha para receber do Tribunal de Justiça, ajuda esta que serviu para contribuir para pagar parte das despesas que meu filho, Heitor Andrade Macêdo Filho contraiu, decorrente da terrível doença que o abateu, denominada Covid-19, quase falecendo. O favor que devo ao Dr. Djalma é impagável.

Agradeço ao Dr. Fernando Nóbrega da Silva pelo tratamento educado e hospitaleiro, com que me tratou na primeira vez que nos encontramos, no Fórum de Brasiléia, local onde ele começou sua labuta como magistrado do Poder Judiciário do Estado do Acre. É um juiz dedicado, muito comunicativo e suas sentenças são humanas e repletas de bondade e sapiência. Obrigado Dr. Fernando, por me considerar seu amigo.

Outro juiz que quero agradecer a gentileza que me dispensou, quando ele era juiz em Plácido de Castro, é o

Dr. Élcio, hoje Desembargador. Cheguei ali como advogado para verificar um processo. Ele chamou os servidores e disse: "Este aqui é um colega de magistratura, por isso, quero que dispensem toda consideração que ele merece". Nunca esqueci daquele momento. Outros juízes que tinham tomado posse junto comigo, maltratavam-me, quando do exercício da advocacia. Uma ex-colega deixou-me duas horas esperando para ser atendido. Vivi aquele ditado: "Rei morto, Rei posto."

Enquanto estava na ativa, tinham muita consideração para comigo. Ao ser aposentado, essa consideração desapareceu.

Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram a vencer na vida, indistintamente, que por lapso de memória não mencionei aqui. Termino agradecendo a todos que terão paciência de ler este lambuzo de literatura. Foi assim que de vendedor de arroz-doce pelas ruas de Porto Velho, cheguei à Magistratura Acreana. Muito me orgulho da posição laboral a que cheguei.

Para concluir, transcrevo abaixo, a relação de meus colegas de formatura do curso de Direito da UFAC, fato ocorrido no dia 8 de janeiro de 1982. Alguns já nos deixaram. Encontram-se no firmamento, próximos de Deus, prestando relevantes serviços jurídicos aos necessitados.

Eis a lista: Ademir Sena de Souza, Alexandrina Melo de Araújo, Altamira Dantas Cruz Rocha, Alcione Torres Carvalho, Antonio Aquino Lopes, Antonio Batista de Souza, Celso Gomes Salgado, Cláudio Aurélio Leal Dias, Cristovam Lima de Oliveira, Edmilson Gonçalves dos Santos, Eurydice Mendonça da Costa, Eraldo Marques, Fernando Alberto Praquim Porto, Flávio Alberto Correia, Flavio Augusto Siqueira de Oliveira, Francisca das Chagas Freitas, Ires Pastor de Souza, Ivan Fernandes da Cunha Filho, Jerônymo Artur Brito de Albuquerque Lima, João Benício de Souza, José Eugênio de Leão Braga, José Cariolano da Silva Filho, José Ribamar Pinheiro de Almeida, Manoel Ferreira de

Araújo, Maria Auxiliadora Amorim de Souza, Maria da Glória Galvão Nobre Dantas, Maria Nazaré Simão Lopes, Norival Camargo Valladão, Rita Alves de Carvalho Neri, Ronaldo Martins Freire, Roberto Ferreira da Silva, Rui de Paulo Rodrigues, Walmiro da Silva Cavalcante, Valdo Lopes de Melo e Valter Pastor.

Nossa turma era muito unida e organizada. Mensalmente todos contribuíam com uma "caixinha" para nossa formatura. Os tesoureiros da caixinha eram a Alexandrina o Celso e Maria da Glória. A arrecadação era depositada em poupança. Na conclusão do curso a arrecadação extrapolou a expetativa de gastos. Fizemos um churrasco depois do último dia de aula, outro churrasco depois no Parque das Acácias e, por fim, a estrondosa festa no Circulo Militar, onde cada mesa recebeu uma garrafa de champanhe francesa legítima, um lauto jantar, cerveja e refrigerantes à vontade. Até então tínhamos sido a maior turma de Direito da UFAC, ou seja, trinta e seis formandos. Não sei se já fomos ultrapassados.

Nasce um astro

Nasci numa terça-feira, no dia 23 de janeiro de 1940, em um seringal denominado "Prosperidade", de propriedade de meu pai, por volta das 16, 15 horas, às margens do rio Madeira, margem esquerda. Na frente do local onde nasci, desemboca o rio Jamari.

No meu nascimento houve uma festança: O vento soprou com mais força, impelindo as árvores a balançarem seus galhos, os quais soltavam melodias inesquecíveis; O sol se apressou em ficar mais luminoso e espalhar seus raios no interior de minha casa e nas redondezas, para que nenhum visitante erasse o caminho; O amigo sol ainda convidou a amiga lua a aparecer mais cedo, para que a noite ficasse também luminosa; por sua vez, as estrelas cuidaram de igualmente iluminar o firmamento, com suas famosas luzes cintilantes. O céu era o chamado "Céu de Brigadeiro", porque estava todo azul.

As galinhas cacarejavam bem alto, dando as boas novas, os galos, por sua vez, não paravam de cantarolar. As patas, como sempre, fizeram saudações silenciosas; os pássaros, principalmente os curiós e uirapurus saudavam o meu nascimento com cantos maviosos; os patos ficaram tão contentes, que passaram a correr mais rapidamente ao encalço das patas; a anta de estimação, queria subir para me beijar, mas a mamãe não deixou; as bananeiras se apressaram em liberar os cachos de bananas compridas para mamãe transformar em massa para minha alimentação; a vaca de estimação urrava de alegria. Esse dia foi inesquecível para os animais e vegetais que compunham a minha residência.

Nunca um ser humano seria tão bem saldado no seu nascimento, como fui. Minha irmã Arlete, que tinha dois anos, ria de satisfação. Antes de eu nascer, meu pai andava de um lado para o outro, não contendo a alegria, pois calculava que